



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO, RS
CURSO DE AGRONOMIA

PRISCILLA DOS SANTOS HARTMANN

A PRESENÇA DA MULHER NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA ENGENHARIA
AGRONÔMICA: UMA ANÁLISE NA REGIÃO DAS MISSÕES DO RS

CERRO LARGO
2018

PRISCILLA DOS SANTOS HARTMANN

**A PRESENÇA DA MULHER NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA ENGENHARIA
AGRONÔMICA: UMA ANÁLISE NA REGIÃO DAS MISSÕES DO RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Agronomia – Bacharelado, como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Agronomia na Universidade Federal da Fronteira
Sul – UFFS, *Campus* Cerro Largo, RS.

Orientador: Prof. Dr. Mario José Puhl

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Débora Leitzke Betemps

CERRO LARGO

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Hartmann, Priscilla

A PRESENÇA DA MULHER NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA
ENGENHARIA AGRÔNOMICA: UMA ANÁLISE NA REGIÃO DAS MISSÕES
DO RS / Priscilla Hartmann. -- 2018.

34 f.:il.

Orientador: Doutor Mario José Puhl.

Co-orientadora: Doutora Débora Leitzke Betemps.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Agronomia, Cerro Largo, RS , 2018.

1. PARTICIPAÇÃO DA MULHER E ENGENHEIRA AGRÔNOMA NO
MEIO RURAL. 2. A INSERÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO. 3.
GÊNERO E FEMINILIDADES NO MEIO RURAL. 4. A PARTICIPAÇÃO
DA MULHER NO MUNDO RURAL. 5. A DIVISÃO DO TRABALHO E A
DESGUALDADE DE GÊNERO. I. Puhl, Mario José, orient. II.
Betemps, Débora Leitzke, co-orient. III. Universidade
Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

**A PRESENÇA DA MULHER NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA ENGENHARIA
AGRONÔMICA: UMA ANÁLISE NA REGIÃO DAS MISSÕES DO RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado AO
Curso de Agronomia – Bacharelado, como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Agronomia na Universidade Federal da Fronteira
Sul - UFFS, *Campus* Cerro Largo, RS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

05 / 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Mário José Puhl.

Prof. Dr. Mário José Puhl

Orientador

Neusete M. Rigo

Profª Drª Neusete Machado Rigo

Evandro Pedro Schneider

Prof. Dr. Evandro Pedro Schneider

Agradeço à terra por me ensinar que agora posso andar de botina ou salto alto, sendo eu mesma. Que posso plantar, criar, trabalhar, colher e viver respeitando a minha própria história, os meus valores e sendo autenticamente mulher, exercendo uma profissão de mulher, sendo Engenheira Agrônoma.

Priscilla Hartmann

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui. Obrigada aos meus pais Pedro e Jeni, que sempre foram meus pilares, dando apoio, incentivo nas horas difíceis e sempre contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade. À minha irmã Pietra por sempre estar ao meu lado, me auxiliando em todas as dificuldades, principalmente nos últimos dias.

Obrigada ao meu namorado Adriano, que sempre me estimulou, compreendeu minhas ansiedades e ausências pelo tempo dedicado aos estudos, compreendeu meus medos e se manteve firme comigo, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos, muito menos desse trabalho de conclusão. Aos amigos que fiz nesses anos, que foram grandes incentivadores de não se deixar levar pelo cansaço.

Sou grata a todos os professores que contribuíram com minha trajetória acadêmica, especialmente ao Prof. Dr. Mário José Puhl, que aceitou meu desafio e foi responsável pela orientação do meu projeto. Obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser atencioso e paciente, nunca perdendo a fé na minha pesquisa, incentivando e me amparando nos momentos mais difíceis. Manifesto aqui minha gratidão por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e sua experiência.

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *campus* Cerro Largo que me proporcionou cursar Agronomia nesta instituição, uma universidade que aposta no desenvolvimento da região, da ciência e da tecnologia, estimulando a criatividade, interação e participação da comunidade ao meio acadêmico. Sou grata a todo corpo docente, à direção e a administração dessa instituição.

Agradeço a todos que de alguma forma apoiaram as minhas escolhas, iluminaram o meu caminho e hoje fazem parte da minha formação acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso aborda a presença feminina em espaços do exercício da profissão da engenharia agrônoma, na Região das Missões do estado do Rio Grande do Sul, a partir da referência de leitura da divisão sexual do trabalho. A atuação da mulher como engenheira agrônoma vem tornando-se objeto de estudo nos últimos anos, por isso a importância de uma pesquisa mais profunda sobre o tema, sua inserção no mundo do trabalho, tendo em vista que a agronomia é culturalmente definida como masculina, principalmente na região noroeste do RS. A masculinização da profissão ocorre, dentre outros fatores, a partir do processo da divisão do trabalho e a condução da agricultura feita somente por homens há muitos anos, reduzindo o número de mulheres na agricultura, consequentemente tirando muitas vezes o espaço da mulher como engenheira agrônoma, a atuar na sua profissão pela masculinização da área de atuação. No presente trabalho fez-se uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre a desigualdade de gênero e a profissão de Engenheiro Agrônomo com a participação das mulheres, bem como sua participação no agronegócio. O objetivo geral da pesquisa é avaliar onde as mulheres engenheiras agrônomas atuam nos 26 municípios da Região das Missões/RS, local de obtenção dos dados junto às Prefeituras, Cooperativas Agrícolas e escritórios municipais da EMATER. Como ferramentas metodológicas utilizaram-se o método de abordagem hipotético-dedutivo e como métodos de procedimento conjugam-se o histórico e o estatístico. Os resultados apontam a grande diferença de atuação entre homens e mulheres. Destaca-se que a maioria de engenheiros agrônomos que atuam na nossa região são homens, 51 no total, e um pequeno número de mulheres, apenas 5, atuam em cooperativas agrícolas e escritórios da EMATER. Buscando a hipótese de melhoria do campo de atuação das mulheres engenheiras agrônomas, tendo uma melhor visibilidade dentro da agricultura, mais oportunidades e condições de trabalho, visando a igualdade de gênero dentro da profissão. Há então a importância de uma maior valorização da mulher na profissão, a busca pelo reconhecimento contínuo e pela luta de gênero nas áreas de atuação.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho. Profissão. Agronomia.

ABSTRACT

The present work of conclusion of course approaches the presence in spaces of the exercise of the agronomic engineering profession, in the region of Rio Grande do Sul, from the reading reference of the sexual division of labor. The research of women as an engineer has become an object of study in recent years, considering the importance of a cultural approach, mainly in the northwest region of RS. The masculinization of the class occurs, among other factors, from the process of division of labor and agriculture, after a few years, the number of women in agriculture, consequently often taking the space of women as an agronomist, works in the his career by masculinization of the area of activity. In the present, work a bibliographical research on the gender inequality and a profession of engineer with the participation of the women, as well as their participation in the agribusiness. The general objective of the research is a series of nutritional resources in the municipalities of the Metropolitan Region of Missões / RS, where the information on Municipalities, Agricultural Cooperatives and Municipal Offices of EMATER is located. As methodological methods they used the hypothetical-deductive modeling method and as methods of conjugation-historical and statistical. The results indicate a large difference in performance between men and women. It is noteworthy that the majority of agronomic engineers working in our region are men, 51 in total, and a small number of women, only 5, work in agricultural cooperatives and EMATER offices. Seeking an opportunity to improve the field of action of women in order to improve working conditions, aiming at gender equality within the profession. There is a great search for the woman in the profession, the search for the continuous recognition and the fight for the right in the areas of performance.

Keywords: Sexual division of labor. Profession. Agronomy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A DIVISÃO DO TRABALHO E A DESIGUALDADE DE GÊNERO	12
2.2	A INSERÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO	13
2.3	GÊNERO E FEMINILIDADES NO MEIO RURAL	14
3	PARTICIPAÇÃO DA MULHER E ENGENHEIRA AGRÔNOMA NO MEIO RURAL	15
3.1	A AGRONOMIA COMO CIÊNCIA E A DIVISÃO DE GÊNERO	17
3.2	A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MUNDO RURAL	18
4	A REGIÃO DAS MISSÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	20
4.1	A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A INCLUSÃO DE GÊNERO NA REGIÃO MISSÕES DO RS	23
5	A PRESENÇA FEMININA NA PROFISSÃO DE ENGENHEIRA AGRÔNOMA	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo as mulheres não foram sujeitos de maior importância na história brasileira e estiveram, portanto, excluídas das narrativas dos historiadores. Neste sentido, o panorama da visibilidade feminina nas últimas décadas vem mudando significativamente, mostrando a presença desses novos sujeitos, tratando da visibilidade da mulher na história e suas relações de poder, acesso à educação e aos trabalhos que até então eram exercidos somente por homens (LOPES, 2007).

A figura feminina em si teve alguns períodos na história, de menor importância em relação à figura masculina, causando assim um preconceito por parte da sociedade onde o trabalho da mulher rural não obtém muito reconhecimento, mesmo realizando atividades importantes no meio. Nas atividades agrícolas produtivas o trabalho da mulher é praticamente indispensável, porém, não possui a igualdade de gênero. Há séculos essa distribuição é desigual, onde a divisão do trabalho já era feita pela importância da atividade a ser realizada, onde as mais vantajosas eram realizadas por homens e as menos, pelas mulheres (SCHNEIDER; SILVA, 2010).

Considerando todo o processo histórico de luta das mulheres e a abertura ao mundo do trabalho, é fato que as mulheres, principalmente das áreas rurais, estão transformando seus lugares de trabalho em algo mais evidente e reconhecido socialmente. Principalmente quando se trata de uma profissão historicamente vista como uma carreira para o gênero masculino, como a agronomia.

No Brasil a agronomia surgiu por volta do séc. XVIII, em uma ação do governo pressionado pela aristocracia agrária, que estava sofrendo grandes dificuldades na produção agrícola, principalmente pela falta de força de trabalho (SILVA, 2010).

Tendo em vista que a profissão de agrônomo é culturalmente definida como masculina, o que não nos torna difícil entender os motivos, basta pensar desde o condicionamento físico necessário para o trabalho no campo, envolvendo grandes máquinas e as alterações climáticas, por exemplo, como chuva e frio. Não se pensava em mulheres encarando tais desafios até bem pouco tempo atrás, tendo em vista que a primeira mulher que recebeu o título de engenheira agrônoma e exerceu a profissão, se deu no ano de 1940, sendo a segunda diplomada no Brasil (FEICHTENBERGER; KITAJIMA; BOVÉ, 2011).

Talvez tenha sido este o motivo para que um número considerável de engenheiras agrônomas fizeram suas carreiras na área acadêmica ou de pesquisa em instituições. A realidade já não é mais esta, hoje elas colaboram com os pais e os

maridos frente as suas propriedades, atuam na comercialização de produtos, estão atentas ao mercado financeiro e ainda cuidam da casa, da família e delas mesmas. No mercado dito formal, ocupam boas posições estratégicas em multinacionais e em operações vitais ao funcionamento da economia mundial, onde o avanço da tecnologia colabora para que a profissão seja cada vez mais ocupada por mulheres.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho visou traçar a caminhada histórica das mulheres dentro do ambiente rural profissional, bem como a separação de gênero e a presença feminina no âmbito da profissão agrônoma, a partir da divisão do trabalho, realizando um estudo amplo dessa trajetória até o panorama atual da participação das mulheres nesse cenário desigual. Percebendo a tendência dessa participação das mulheres na agricultura, a importância do seu papel e do profissionalismo cada vez mais exigido na área.

Conhecendo onde as mulheres mais atuam como profissionais agrônomas, que visibilidade isso nos traz perante a profissão na região, visando a igualdade de gênero e oportunidades de atuação.

Para isso, obteve-se também dados produzidos a partir dos 26 municípios da Região das Missões, RS, em três instituições: uma, de assistência técnica e extensão rural, a EMATER, Cooperativas de comercialização agrícola, produção e comercialização de álcool combustível e as prefeituras municipais. O interesse de analisar a participação da mulher como engenheira agrônoma nesses estabelecimentos é de suma importância pelo papel que esses estabelecimentos desempenham perante os agricultores na região.

Após tomada as anotações necessárias com o número de Engenheiros agrônomos na região e lugares que atuam, bem como a existência da profissão nesses estabelecimentos, os dados foram posteriormente transcritos.

Com a análise dos dados obtidos buscou-se relaciona-los com o objetivo da pesquisa. Em muitos estabelecimentos não existia sequer um Engenheiro Agrônomo, e a sua minoria onde se tinha eram homens, então buscou-se analisar esse fato, da falta de atuação das mulheres em nossa região e os desafios enfrentados no campo de trabalho.

Sabemos que vivemos em um mundo onde as mulheres sempre tiveram de demonstrar seus valores e suas capacidades, lutar pelos seus direitos e alavancar uma sociedade de igualdade de gêneros. No agronegócio isso fica ainda mais evidente e competitivo, a profissão de engenheiro agrônomo é por si só, uma profissão masculinizada, portanto entender seus entraves pela participação feminina e a luta

pela igualdade perante a profissão, é algo importante, principalmente em nossa região.

2 A DIVISÃO DO TRABALHO E A DESIGUALDADE DE GÊNERO

O nome divisão do trabalho deu-se pela função pessoal de cada pessoa criar e usar com máxima vantagem, qualquer for a diferença de aptidões e recursos. Como consequência o trabalho cooperativo em tarefas específicas e delimitadas, aumentando assim, a produção e o andamento do trabalho. Essa divisão é fundamental nas sociedades caracterizadas ao fato de que, os seres humanos diferem um dos outros quanto suas habilidades, que podem ser adquiridas e melhoradas ao longo do tempo.

A divisão do trabalho, dava-se inicialmente ao acaso, pela divisão sexual e de acordo com a idade, também podendo ser pela condição física. Com a complexidade da sociedade no cotidiano e o aprofundamento do sistema de trocas entre diferentes grupos, identifica-se a divisão do trabalho em especialidades produtivas, forma esta que ficou bem caracterizada na estrutura dos ofícios da Idade Média (MARGLIN, 1980).

2.1 A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A expressão 'divisão sexual do trabalho' tem sido mais evidenciada recentemente, especialmente no contexto dos estudos de gênero, para expressar os diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres, tanto no processo de produção quanto na sociedade. São frequentemente abordadas diferenças entre homens e mulheres no papel produtivo, no entanto, este debate ganha uma nova qualificação com as críticas introduzidas na separação da sociedade capitalista, em que tem cabido às mulheres o cuidado com os filhos e aos homens o trabalho remunerado e atividades de maior prestígio social (ABERCROMBIE; HILL; TURNER, 2000).

O mesmo autor relata que com a sociedade mais urbanizada, a ampliação de acesso à educação e as conquistas dos movimentos de mulheres, ampliou-se o ingresso de mulheres no mercado de trabalho, no entanto ainda é significativa a desigualdade em termos de valorização do trabalho feminino em relação ao masculino. Na atualidade, mesmo com as diferenças entre diversos países, estados e culturas, muitas mulheres têm menor remuneração que os homens mesmo desenvolvendo trabalhos iguais.

Logo, determinadas atividades são atribuídas ao feminino, pior remuneradas e menos valorizadas socialmente do que as que são atribuídas aos homens.

Bruschini (1988), apontou com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que a participação das mulheres na força de trabalho saiu de 22,3% em 1970 para 30,6% no ano de 1983. O quadro mais atual desse parâmetro feito em 2014, inclui bastante as mulheres no mercado de trabalho, onde 58% das mulheres, em média, compõe a sociedade economicamente ativa, entre meio rural e urbano.

Contudo, porém os dados fatores que fazem parte dessa elevação na participação das mulheres no mercado de trabalho, entende-se que tal avanço não ainda equalizou a divisão sexual do trabalho no país. Permanecendo ainda uma separação entre os gêneros, que reserva aos homens os espaços mais produtivos, e às mulheres com a maior participação no mercado de trabalho, acompanha-se a sua elevada participação doméstica, sendo tarefas praticamente exclusiva e pouco compartilhada com os homens (SOUZA; GUEDES, 2016).

Usamos as ditas identidades de gênero para deixar claro que a desigualdade entre homens e mulheres são construídas pela sociedade que estão inseridos, e não pela diferenciação biológica dos sexos, é uma espécie de construção social (FARIA, 1997).

2.2 A INSERÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO

As sociedades agrícolas dificilmente conseguiriam desenvolver-se sem a participação efetiva das mulheres que, por muito tempo, desenvolveram muitos trabalhos sem nenhum reconhecimento ou remuneração cabível à elas. Eram vistas, simplesmente como ajudantes de seus respectivos maridos, desenvolvendo trabalhos secundários, ditos como trabalhos auxiliares apenas (PERROT, 2007).

Na idade média, a sociedade era dirigida e controla pelo sexo masculino, o qual liderava papéis e lugares que poderiam ser ocupados por mulheres tranquilamente. Estas por sua vez, diferenciavam-se pela posição que ocupavam, faixa etária, instrução, família que provinham e virtudes. Por estereótipo, às mulheres eram a quem atribuíam as tarefas domésticas (MACEDO, 2002).

De acordo com o mesmo autor, a força de trabalho na época era o centro da economia rural, extremamente importante. A mulher por sua vez contribuía para a sobrevivência da família, impostos muitas vezes eram pagos por elas por meio de serviços prestados aos seus senhores e suas famílias, como a fabricação de artigos de luxo, confecção de tecidos e roupas. Tarefas estas, exclusivas das servas e escravas.

Fossem donas-de-casa, camponesas, lavadeiras, cozinheiras, costureiras, parteiras, o trabalho sempre esteve presente no universo feminino. A vida no campo sofreu mudanças com o mercado, às comunicações, à industrialização e ao êxodo rural. Muitas vezes com a ausência do homem da família, devido a algum fator, elas aprenderam a trabalhar com a terra também, adotar uma postura viril e assim como gerenciar o próprio negócio rural para assegurar o sustento da família (PERROT, 2007).

2.3 GÊNERO E FEMINILIDADES NO MEIO RURAL

As pesquisas sobre a temática gênero se intensificou a partir da década de 1970, sendo pesquisada por autores das mais diversas áreas. Apesar de se tratar de um campo em evidência acadêmica, não há uma teoria pronta para o assunto, nem um consenso consolidado, se comparados com outros estudos científicos (LOURO, 2007).

Molinier (2002, 2003) enfoca o gênero como um componente importante para tratar da identidade no trabalho. Sugerindo que o trabalho é uma das categorias que mais influenciam a construção da feminilidade (e também masculinidade) que, nesse contexto equivalem a identidades sociais.

Silva (2009) analisou em sua própria pesquisa as inserções das mulheres rurais no mercado de trabalho não agrícola, para então verificar em que contribuem para mudanças nos papéis sociais de gênero. A análise foi feita nas famílias agricultoras de Veranópolis e Salvador das Missões, no Rio Grande do Sul. Onde os dados revelaram que é raro as mulheres estarem entre as responsáveis pelas suas propriedades. Percebendo que o trabalho doméstico e o trabalho na unidade de produção são o que predomina as mulheres, reafirmando a ideia de que o trabalho doméstico e o espaço privado são legitimamente femininos.

Brumer (2004) fez uma análise sobre a inserção da mulher a partir da divisão social do trabalho, e a influência de variáveis como idade e sexo nos processos migratórios do estado do Rio Grande do Sul. Segundo a autora, no estado, ocorre uma migração rural-urbana mais acentuada entre mulheres do que de homens, entre as explicações dadas para tal fenômeno, devido às desigualdades de gênero, que atribuem as mulheres, principalmente mais jovens, uma posição subordinada na estrutura familiar, as mulheres tem menor perspectiva profissional e motivação para permanecer no meio rural do que os homens.

3 PARTICIPAÇÃO DA MULHER E ENGENHEIRA AGRÔNOMA NO MEIO RURAL

De acordo com dados publicados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 2011, dos 27,1% de empregos permanentes do setor agropecuário, somente 5,1% são ocupados por mulheres. Quanto aos empregos temporários, os homens totalizam cerca de 17% contra 6,1% das mulheres, sem contar com os salários menores em relação aos homens.

O cenário mundial não é diferente, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), as mulheres representam 43% da força de trabalho rural. Ainda segundo a FAO, estima-se que aumentando o acesso das mulheres aos recursos financeiros e tecnologias do meio rural, aumentaria a produtividade das lavouras de 20 a 30%, reduzindo o número de pessoas subnutridas em até 17%, ou seja, 150 milhões de pessoas, em países em desenvolvimento.

Em pesquisa realizada em Cruzeiro do Sul, no Rio Grande do Sul, BRUMER e FREIRE (1984, p. 318) verificaram que,

[...] na divisão de trabalho que se estabelece entre os sexos, ao homem cabe geralmente a exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, tais como lavrar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores e fazer cerca. Também cabe ao homem o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, tal como o trator. À mulher, de um modo geral, compete executar tanto as atividades mais rotineiras, ligadas à casa ou ao serviço agrícola, como as de caráter mais leve. Entre as tarefas em geral executadas pelas mulheres estão praticamente todas as atividades domésticas, o trato dos animais, principalmente os menores (galinhas, porcos e animais domésticos), a ordenha das vacas e o cuidado do quintal, que inclui a horta, o pomar e o jardim.

Atualmente as mulheres vêm conquistando espaços, posições transformadoras no nosso cotidiano, sobretudo mostrando o quão fundamentais são para o desenvolvimento da sociedade. O empoderamento da mulher trouxe perspectivas mais positivas na gestão e inovação dos negócios, promovendo autonomia e igualdade entre os sexos, principalmente no meio rural, as funções domésticas não são mais exclusivas e nem limitam seu potencial (MATOS; MIRANDA, 2017).

Assim sendo, as mulheres tendem a procurar mais conhecimento sobre a produção agrônoma, por serem mais comunicativas e persuasivas no que fazem. Mostram-se mais conectadas com o rural, trocando experiências e informações com vizinhos e consultores, incluindo sempre a sucessão e a família no negócio.

Em um cenário de notório crescimento da população economicamente ativa feminina, é importante destacar essa inserção da mulher no meio rural, trazendo um equilíbrio econômico satisfatório. Por mais que ainda sofram desigualdades em sua

profissão como engenheira agrônoma, há a consciência e forte tendência para essa participação ser cara vez maior no agronegócio brasileiro.

De acordo com VIDAL (2011), são dois paradigmas que predominam as análises em estudos que tratam do trabalho feminino no agronegócio, sendo o da interdependência e o da divisão subalterna. O primeiro ligado às sociedades rurais menos capitalizadas e que conservam um caráter camponês e tradicional de seus sistemas de produção, sustentando a distinção de trabalhos realizados por homens e mulheres na unidade. Já o segundo paradigma, baseia-se na divisão sexual do trabalho, com o controle do homem sobre a capacidade da mulher perpetuando o desigual acesso aos meios de produção, constituindo relações de dependência de trabalho rural feminino ao padrão decidido pelo homem.

Os papéis femininos e masculinos são uma construção da história, as relações entre homens e mulheres também variam ao longo do tempo, a nossa geração sabe, que essas relações sofreram profundas mudanças nos últimos anos, em grande parte como fruto da organização das mulheres no meio rural, na conquista do seu espaço no agronegócio (FARIA, 1997).

Por mais que as dificuldades ainda existam, elas vêm conquistando cada vez mais seu espaço e tentando superar essa baixa participação no setor. Conforme o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Paraná (SENAR-PR, 2009), mulheres cada vez mais se destacam no cenário do agronegócio brasileiro. Sua participação é importante em várias atividades: plantações, colheita, sobre as máquinas agrícolas, negociações ou ainda em frente ao computador para acompanhar as condições climáticas e conotações do dia. Isso deixa claro que, assim como outros segmentos da sociedade, a agronomia não resistiu a dominância e profissionalismo daquelas que engrandecem a economia nacional.

Poucos trabalhos no Brasil analisam estudos de gênero e a participação da mulher como agrônoma no agronegócio. A maioria traz referências das perspectivas de agricultura família e trabalhadores rurais, que é onde se encontra a maioria das mulheres envolvidas em alguma atividade agrícola (VAN DER SCHAAF, 2003).

BRUMER (2004), faz uma análise à inserção da mulher a partir da divisão sexual do trabalho, a influência de variáveis como idade e sexo no processo migratório do Rio Grande do Sul, que afeta desigualmente, homens e mulheres. Definindo assim que, naquele estado, existe uma migração rural-urbana mais acentuada de mulheres do que homens. Uma posição subordinada na estrutura familiar, onde fica ainda mais evidente na distribuição das atividades de produção, do poder e do acesso à terra

como propriedade, as mulheres têm menos perspectiva profissional e motivação a permanecer no meio rural.

A partir de então percebe-se que o meio rural gaúcho não possui uma situação de igualdade entre homens e mulheres na agronomia, devido as posições e papéis sociais tradicionais que permanecem sendo referência na socialização de homens e mulheres, de modo que, será preciso novas formas de integrar as atividades femininas no agronegócio de forma que não se sintam masculinizadas, para que novas possibilidades se efetivem para mulheres que decidem ser profissionais do meio rural (SILVA, 2009).

3.1 A AGRONOMIA COMO CIÊNCIA E A DIVISÃO DE GÊNERO

Agronomia, palavra que ganhou definição em 1361, do grego *agronomos*, que significa o estudo científico dos problemas físicos, químicos e biológicos apresentados pela prática na agricultura. A história da Agronomia no Brasil, se deu a mais de duzentos anos, sendo Dom João VI o criador das escolas agrícolas, começando pela Bahia em 1812. No Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, implantou-se a segunda escola de Agronomia no país, em 1883, e o registro da primeira engenheira agrônoma a se diplomar nessa mesma escola, em 1915 (SOSTER, 2015).

A história relata que, a profissão Engenheiro Agrônomo somente foi reconhecida em 1933, e a primeira engenheira agrônoma a exercer a profissão foi Veridiana Victoria Rossetti, formada em 1939, tornando-se a segunda diplomada no Brasil (CNPQ, 2018).

Atualmente no Rio grande do Sul, tem-se 24 instituições de ensino superior que oferecem o curso de Agronomia, entre instituições públicas e privadas (e-MEC, 2018). Um curso de início somente com a presença masculina nas salas de aula, hoje depara-se com uma realidade diferenciada, a mulher agrônoma se faz presente nas mudanças sociais agrícolas, ressaltando uma maior atenção por fornecer uma linguagem de gênero ao curso, e ao mesmo tempo global, permitindo que não haja limites na escolha dessa profissão (SOSTER, 2015).

Percebendo a forte tendência ao aumento da participação da mulher na agricultura e conseqüentemente na busca pela curso de Agronomia, pois estas estão de profissionalizando cada vez mais na área. As mulheres contribuem ativamente para uma mudança social agrícola e para novas ruralidades, e uma delas é sendo engenheira agrônoma.

3.2 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MUNDO RURAL

A inserção da mulher no mercado de trabalho do agronegócio, ativamente como engenheira agrônoma, é um cenário, que apesar de tímido, vem crescendo e se tornando economicamente ativo e visível, tornando-o importante destacar essa participação. Ou seja, por mais evidente que seja, que as mulheres ainda sofrem com a desigualdade de gêneros, há uma forte tendência para uma cada vez maior participação da mulher no agronegócio.

O campo de atuação feminina no processo decisório tanto na lavoura quanto na administração do campo, vem aumentando significativamente nos últimos anos, o que significa maior poder e influência para conduzir os negócios rurais e um maior destaque no cenário agrícola. A mulher está desempenhando um papel de peso na agricultura, de alguma forma, em todo processo (MOURÃO, 2011; KARAM, 2004).

O papel da mulher nas atividades agrícolas não se restringe apenas na produção e comercialização de alimentos. Observa-se também, além do trabalho no campo, sua atuação nas mais distintas funções da cadeia produtiva do agronegócio. Temos atuação feminina como executiva em empresas agroindustriais, docentes dos cursos de agronomia e afins, à frente de pesquisas para desenvolver novas tecnologias agrícolas e também em órgãos públicos, voltados ao agronegócio.

A ampliação e o fortalecimento da atuação feminina no campo é fruto de políticas governamentais, onde é perceptível e em número crescente a participação das mulheres na comercialização e gerenciamento de produtos e propriedades, muito embora ainda seja um campo predominantemente masculino (MESQUITA, 2012).

De acordo com CIRILLO (2012), 23% das famílias brasileiras, que de alguma forma estão ligadas ao agronegócio, possuem liderança feminina, como a responsável por fazer o empreendimento ter lucratividade. Como complemento, ROSA (2012), cita que estudos sobre o número crescente de mulheres na gestão do agronegócio mostram que, no Brasil, 27% dos cargos do ramo da agricultura, são ocupados por mulheres líderes do agronegócio.

A participação da mulher ganha um papel muito importante na esfera produtiva isto porque, a tradição artesanal na confecção de produtos, marca em muitos casos o ponto de partida para a ampliação da atividade em termos de escala e rearranjo do trabalho (MESQUITA, 2012, p.10).

Sendo assim, mesmo ainda sendo minoria, elas conseguiram ocupar um espaço relevante nos últimos anos, mostrando sua capacidade de atuação na área agrícola de forma eficiente e perspicaz, em todo território brasileiro. No RS a situação

se identifica ainda mais masculinizada pela profissão agrônoma, dando ênfase a região das Missões, pela cultura e representação histórica ao estado, vimos essa inserção ainda pequena mas se mostrando presente, em diferentes áreas de atuação.

“A participação da mulher ganha um papel muito importante na esfera produtiva isto porque, a tradição artesanal na confecção de produtos, marca em muitos casos o ponto de partida para a ampliação da atividade em termos de escala e rearranjo do trabalho.” (MESQUITA, 2012, p.10).

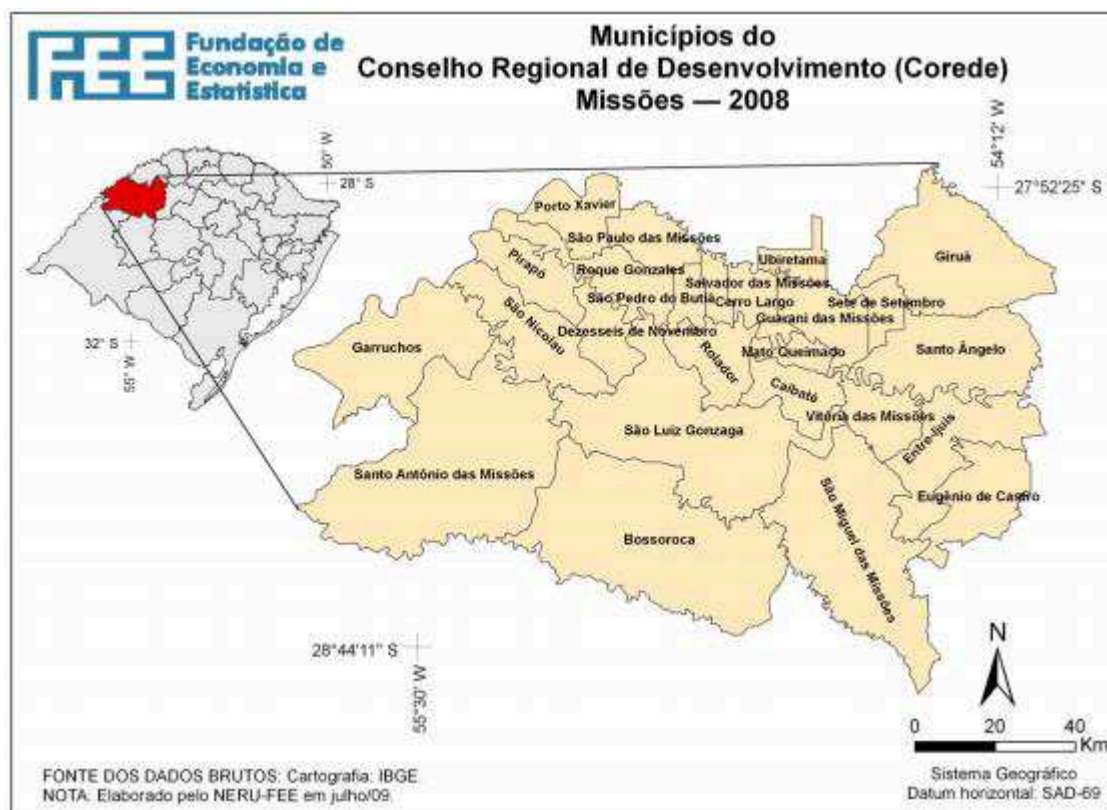
De acordo com dados publicados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 2011, dos 27,1% de empregos permanentes do setor agropecuário, somente 5,1% são ocupados por mulheres. Quanto aos empregos temporários, os homens totalizam cerca de 17% contra 6,1% das mulheres, sem contar com os salários menores em relação aos homens.

4 A REGIÃO DAS MISSÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

A região das missões é considerada a região missioneira do estado, onde os padres jesuítas foram os primeiros desbravadores da extensa área territorial, que hoje abrange os municípios integrantes. Foram anos de lutas e histórias riquíssimas nesse território, demarcações e edificações onde hoje se tem uma bravura exuberante da região, uma singularidade de cultura e principalmente pelo domínio do rural, sempre presente na história da região (FLORES, 1983).

Hoje neste espaço territorial da área sul-ruigrandense, despontam os 26 municípios que integram os Municípios das Missões, são eles: Bossoroca, Caibaté, Cerro Largo, Dezesseis de Novembro, Entre-Ijuís, Eugênio de Castro, Garruchos, Giruá, Guarani das Missões, Mato Queimado, Pirapó, Porto Xavier, Rolador, Roque Gonzales, Salvador das Missões, Santo Ângelo, Santo Antônio das Missões, São Borja, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro do Butiá, Sete de Setembro, Ubiretama e Vitória das Missões.

Figura 1 - Mapa de localização da Região das Missões no estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: COREDE Missões (2005).

Segundo o Plano Estratégico de Desenvolvimento das Missões de 2015-2030, o valor adicional bruto da região é representado fortemente no valor gerado regional (Figura 2), seguido da indústria e serviços, que também contribuem. Assim, quando analisados o crescimento absoluto deste setor (Figura 3), vê-se uma variação positiva nos últimos anos, representando o desempenho dos agricultores e o crescimento regional no setor.

Figura 2 - Valor adicionado bruto – em R\$ – por área econômica.

Tabela 34 - Valor Adicionado Bruto Total – em R\$ - do COREDE Missões – variação percentual (%) por setor – 2010 a 2013.

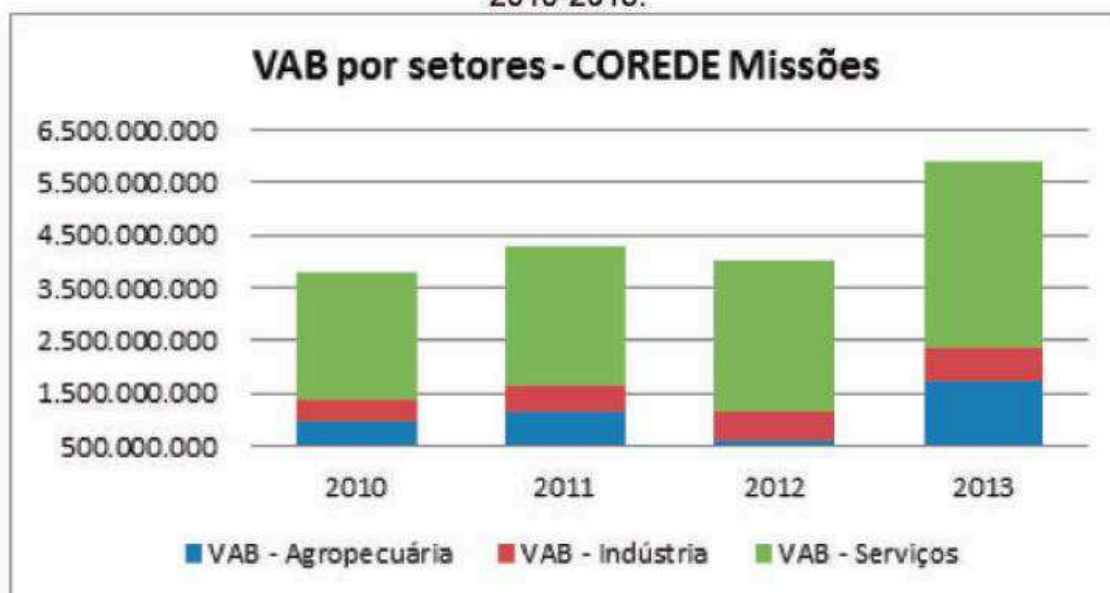
Valor Adicionado Bruto Total do COREDE Missões (R\$ mil) - Variação Percentual Regional - 2010-2013								
Setor/ano	2010	VAR 10/11 (%)	2011	VAR 11/12 (%)	2012	VAR 12/13 (%)	2013	VAR 10/13 (%)
Agropecuária	965.091	18,55	1.144.089	(46,10)	616.676	183,67	1.749.322	81,26
Indústria	414.917	23,36	511.837	8,32	554.428	7,09	593.750	43,10
Serviços	2.392.598	10,67	2.647.833	7,86	2.850.738	24,73	3.555.794	48,82
COREDE	3.772.607	14,08	4.303.761	(6,55)	4.021.843	46,67	5.898.867	56,36
RFP 7	12.784.483	16,78	14.929.097	(1,75)	14.668.497	37,81	20.214.500	58,12
ESTADO	205.807.793	9,95	226.285.448	8,25	244.953.795	16,55	285.483.671	38,71

Fonte: Fundação de Economia e Estatística – FEE (2016).

Fonte: Plano de desenvolvimento do COREDE Missões (2015).

Figura 3 - Evolução do valor agregado bruto – 2010 a 2013.

Figura 23 - Evolução do Valor Agregado Bruto por setores da Região das Missões - 2010-2013.



Fonte: Fundação de Economia e Estatística – FEE (2016).

Fonte: Plano de desenvolvimento do COREDE Missões (2015).

Na Figura 3, nota-se um efeito negativo em 2012, explicado pela quebra de safra, da forte estiagem ocorrida naquele ano, que danificou o desempenho da economia agropecuária regional, assim, nota-se também o quão a região é dependente deste produto, decrescendo o valor agregado bruto da região.

Dentre os municípios que compõem a região, apresentando maior peso na composição econômica agropecuária em 2013, estavam São Luiz Gonzaga com 12,71%, São Miguel das Missões com 12,37% e Giruá com 9,71% (Figura 4), tais municípios se caracterizam fortemente pela produção de grãos como soja como principal, trigo e milho, que são os principais produtos produzidos na região das Missões. Seguido pela produção leiteira em propriedades menores, basicamente por produtores oriundos da agricultura familiar, mais fortemente ligados aos municípios de Entre-Ijuís, Cerro Largo e São Paulo das Missões, e ainda a cana-de açúcar voltada à produção de biocombustíveis, que está basicamente concentrada em Roque Gonzales e Porto Xavier.

Figura 4 - Valor adicionado bruto agropecuário: de 2010 a 2013.

Tabela 38 - Valor Adicionado Bruto Agropecuário – em R\$ mil – participação dos municípios em relação ao COREDE Missões – 2010 a 2013.

Valor Adicionado Bruto Agropecuário (R\$ mil) - Participação dos Municípios em relação ao COREDE Missões - 2010-2013								
Município/ano	2010	Part. (%)	2011	Part. (%)	2012	Part. (%)	2013	Part. (%)
Bossoroca	57.409	5,95	61.646	5,39	41.391	6,71	105.021	6,00
Caibatê	22.669	2,35	30.873	2,70	15.832	2,57	49.452	2,83
Cerro Largo	23.860	2,47	28.180	2,46	22.329	3,62	40.504	2,32
Dezesseis de Novembro	7.318	0,75	7.066	0,62	5.511	0,89	9.396	0,54
Entre-Ijuís	52.215	5,41	66.248	5,79	22.012	3,57	110.931	6,34
Eugênio de Castro	42.467	4,40	59.220	5,18	18.181	2,95	85.520	4,89
Garruchos	30.955	3,21	32.077	2,80	24.209	3,93	52.119	2,98
Giruá	100.092	10,37	127.238	11,12	58.376	9,47	169.932	9,71
Guarani das Missões	34.462	3,57	40.885	3,57	24.105	3,91	60.815	3,48
Mato Queimado	15.273	1,58	18.070	1,58	12.782	2,07	28.105	1,66
Pirapó	11.486	1,19	12.740	1,11	11.697	1,90	17.725	1,01
Porto Xavier	11.175	1,15	11.882	1,04	8.991	1,46	15.258	0,87
Rolador	25.559	2,65	31.770	2,76	19.740	3,20	47.156	2,70
Roque Gonzales	26.281	2,72	31.191	2,73	20.476	3,32	41.872	2,39
Salvador das Missões	16.712	1,73	19.268	1,68	15.351	2,49	24.219	1,38
Santo Ângelo	73.630	7,63	90.886	7,94	42.460	6,89	141.196	8,07
Santo Antônio das Missões	69.840	7,22	66.541	5,82	46.587	7,55	106.987	6,12
São Luiz Gonzaga	109.762	11,37	135.230	11,82	60.631	9,83	222.341	12,71
São Miguel das Missões	108.870	11,28	130.086	11,37	48.153	7,81	216.472	12,37
São Nicolau	22.325	2,31	26.046	2,28	20.615	3,34	40.033	2,29
São Paulo das Missões	26.109	2,71	29.424	2,57	23.765	3,85	44.699	2,56
São Pedro do Butiá	24.094	2,50	26.526	2,32	21.523	3,49	33.983	1,94
Sete de Setembro	18.784	1,95	20.756	1,81	10.880	1,76	28.718	1,64
Ubiretama	12.726	1,32	15.810	1,38	10.881	1,76	20.974	1,20
Vitória das Missões	21.198	2,20	24.836	2,15	10.173	1,65	34.885	1,99
COREDE	965.091	100,00	1.144.089	100,00	616.676	100,00	1.749.322	100,00
RFP 7	2.702.805	35,71	3.268.446	35,00	1.992.528	30,95	4.868.145	35,93
ESTADO	17.162.690	5,62	10.601.459	6,06	16.297.941	3,70	28.798.756	6,07

Fonte: Fundação de Economia e Estatística – FEE (2016).

Fonte: Plano de desenvolvimento do COREDE Missões (2015).

4.1 A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A INCLUSÃO DE GÊNERO NA REGIÃO MISSÕES DO RS

Sabendo que a região é também fortemente ligada a agroindústria familiar, cabe salientar que é de fato aqui, que entra o fortalecimento da inclusão de gênero e a mão de obra feminina tanto na produção, quanto na comercialização dos produtos. Isso torna o setor, um apoio econômico regional bem significativo (BIANCHINI, 2015).

Evidencia-se ainda, que o setor torna-se um significativo potencial de desenvolvimento e de impacto no combate à pobreza da região, principalmente em áreas de baixo desenvolvimento. Evidenciando o valor cultural que desempenha na

região agregando valores aos produtos primários, produzindo melado e bebidas por exemplo com a cana-de-açúcar, ampliando a renda dos agricultores, reduzindo custos e ao mesmo tempo fortalecendo a qualidade da alimentação urbana. (POLACINSKI et al., 2014).

De acordo com a importância da agricultura na região, já destacada e detalhada anteriormente, resulta na compreensão dessas transformações sociais, culturais e principalmente ambientais da exploração agrícola. As mudanças são constantes no setor e demandam conhecimento, por isso a inserção do curso na região, formando profissionais capazes de atuar na produção agrícola da região voltado a sustentabilidade ambiental, com ênfase na preservação do meio ambiente e principalmente na produção de alimentos livres de agroquímicos (PPC Agronomia, 2017).

Portanto, a região é bastante marcada pelos acontecimentos históricos que nela ocorreram, definindo os possíveis avanços e regressos de ações que impulsionaram em determinado momento as transformações da região. Os diversos conflitos de interesse, surgimento de cooperativas, trabalho coletivo, associativo vêm desde os indígenas aos imigrantes europeus, e foram fundamentais no desenvolvimento regional (ANDRIOLI, 2001).

Sofrendo várias fases econômicas e sociais na região, se destaca:

Fez-se necessário melhorar as condições do solo para aumentar a produtividade. Neste sentido iniciou-se, no ano de 1965, uma campanha de recuperação do solo pelo uso de adubos corretivos e fertilizantes químicos. Por outro lado, difundiu-se a prática da preservação do solo e do aproveitamento máximo das áreas cultiváveis. O deslocamento e a mecanização da lavoura foram os grandes alvos desta campanha. Foi denominada “Operação Tatu” (Schallenberger & Hartmann, 1981, p. 127).

Dentre todos marcos de desenvolvimento da pesquisa na agricultura da nossa região, a denominada “Operação Tatu” obteve destaque na década de 1960, devido aos buracos feitos na terra para retirar amostras do solo, solo este da região Noroeste do Estado, o qual estava degradado devido aos sucessivos plantios de soja, sem rotação e sem manejo adequado da terra. O que forçava as famílias a saírem de suas terras a procura de empregos na cidade, onde então uma equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou essas análises de fertilidade dos solos e concluiu que a quantidade de calcário utilizada para adubação era inferior à necessária, essas análises e correções foram então chamadas de Operação Tatu, unindo os esforços dos pesquisadores, associações rurais e Emater/RS (EMATER, 2009).

A partir de então se teve várias evoluções na agricultura da região, mudanças importantes no setor tritícola, relacionadas a modernização da agricultura, como o próprio setor da agricultura familiar e o cooperativismo (ANDRIOLI, 2001). A década de 1950/60 foi de constantes mudanças e evoluções, que continuam até hoje, onde se vê a importância do profissional engenheiro agrônomo atuando na área, seu papel se faz fundamental no auxílio desse crescimento econômico da região, o que de fato torna importante a chegada do curso de Agronomia na região.

Através disso, nota-se que o processo de masculinização do campo é cultural e histórica na região, homens assumiam papéis principais na agricultura desde sempre, deixando as mulheres sempre com trabalhos secundários, como cuidar da casa e cuidar das criações, por exemplo. O que de fato, não era o que traria mais renda e importância a subsistência das propriedades, mais tarde sim com a evolução das fases na agricultura, responsável por comercializar produtos feitos por elas mesmas, trazendo uma importância a mais no seu papel na propriedade.

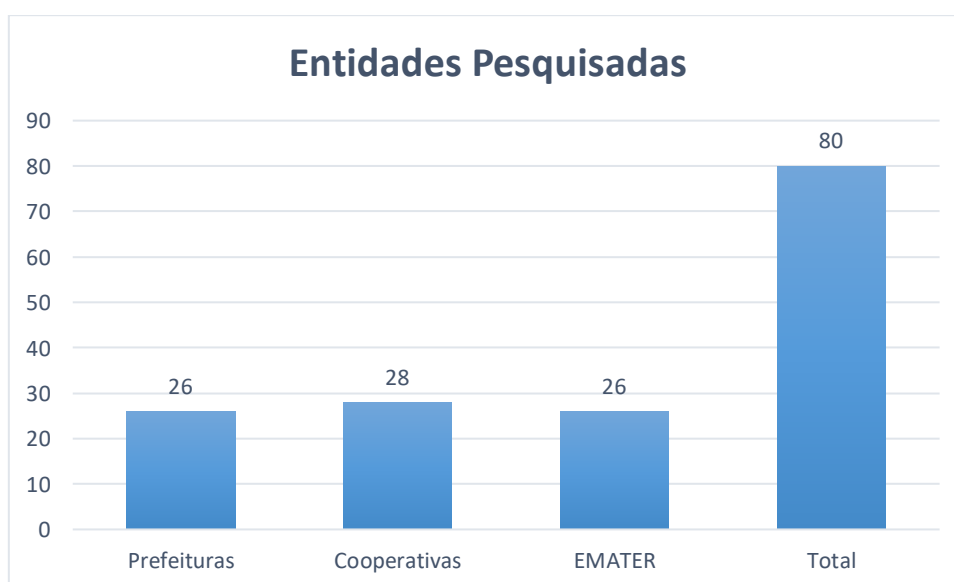
5 A PRESENÇA FEMININA NA PROFISSÃO DE ENGENHEIRA AGRÔNOMA

A região das Missões, RS, é definida pelos processos históricos que desempenharam e ainda desempenham a formação da sociedade. Os acontecimentos revelam a forma que o espaço foi ocupado, os interesses e conflitos, e como tudo foi se transformando e desenvolvendo. A atividade agrícola passou a ter a função de produzir alimentos, com isso teve-se de criar novas forças de trabalho, auxiliando nesse crescimento econômico tão importante para o país (PUHL, 2006).

A coleta de dados se deu em três ambientes, Prefeituras, Cooperativas Agrícolas e escritórios da EMATER, nos 26 municípios que abrangem a região das Missões. Dando-se um total de 26 prefeituras, 28 cooperativas e 26 escritórios da EMATER, sendo assim foram coletados 78 dados para o levantamento (Gráfico 1), este que tem por objetivo analisar a participação da mulher engenheira agrônoma nos três estabelecimentos que prestam serviço diretamente aos agricultores da região.

Obteve-se os dados via telefone e e-mail de todas entidades estipuladas, de acordo com o objetivo, entidades estas que prestam serviços de assistência técnica na região das missões, assim verificou-se a atuação como assistência técnica e aplicação direta na profissão no campo em meio as mulheres engenheiras agrônomas nessas entidades.

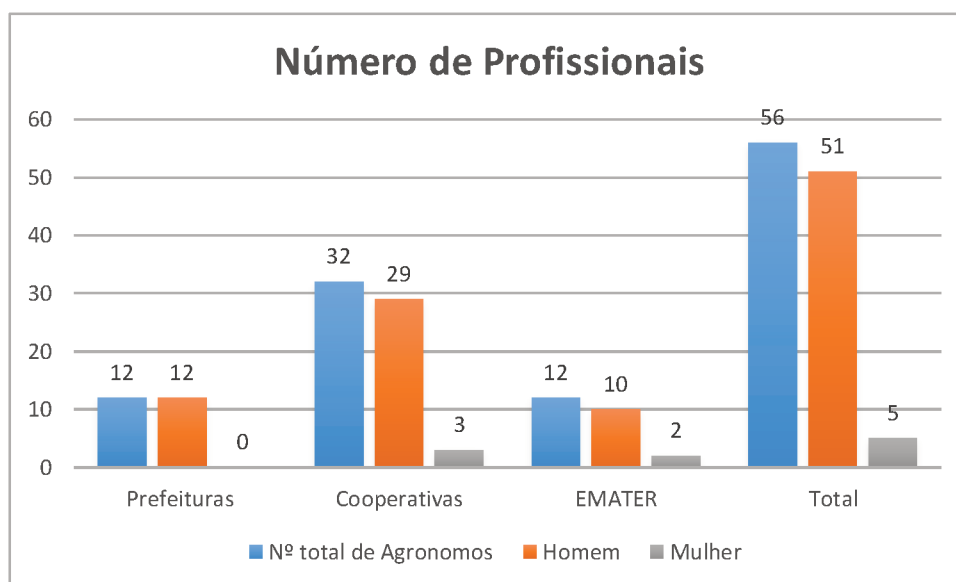
Gráfico 1 - Total de entidades consultadas na obtenção de dados.



Fonte: elaboração própria.

Analisando pelo número de agrônomas em cada estabelecimento (Gráfico 2), percebemos que ainda um pequeno número de mulheres atuam na profissão em nossa região, sendo sua maioria em cooperativas agrícolas, e outro local em que aparecem também são em escritórios de EMATER.

Gráfico 2 – Número de profissionais nas instituições.



Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos então que em um total de 56 profissionais (Gráfico 2), que atuam na nossa região, 51 são homens e apenas 5 são mulheres, sendo que nenhuma atua em prefeituras. Essa análise nos faz perceber todo histórico da região onde estão inseridas, em um contexto econômico, cultural, social e até mesmo a disponibilidade de empregos ou não para mulheres. A busca da mulher por se inserir profissionalmente em uma área tecnológica predominantemente masculina como na área da agronomia reflete alguns entraves, como as habilidades exigidas muitas vezes para atuar na área.

Conhecendo a realidade rural da região estabelecida pela pesquisa, interagindo a sociedade com a ligação do papel do Engenheiro Agrônomo, percebe-se a importância da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, e o universo da agricultura da região. Propiciando o resgate das experiências e conhecimentos dos agricultores, validando as tecnologias à realidade atual, é esse o que se espera dos egressos do curso. Uma assistência técnica, de conhecimentos científicos e culturais por meio do ensino, extensão e participação do profissional, promovendo a

continuidade do desenvolvimento rural sustentável, atendendo a demanda do desenvolvimento local. (UFFS, 2017).

Portanto observa-se que deve haver ainda dificuldades para enfrentar a transição da Universidade para o mercado de trabalho bem como na luta contra o preconceito de gênero na profissão. Segundo Bendassoli (2006, p. 31), “na ausência de garantias institucionais ao trabalho, resta ao indivíduo responsabilizar-se por sua própria vida profissional”.

Concluimos assim, que as mulheres ainda fazem parte de uma pequena parcela de engenheiras agrônomas atuando na área de assistência técnica na região das missões, essa análise nos leva a ver o quanto ainda são desafiadoras a inclusão destas no mercado de trabalho da área agrícola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, constatou-se que o número de profissionais engenheiras agrônomas na Região das Missões ainda é muito pequeno. Destaca-se também entre os ambientes de trabalho que nenhuma mulher exerce o cargo em prefeituras municipais, um pequeno número em escritórios municipais da EMATER e cooperativas agrícolas, em relação aos homens atuantes, as mulheres ainda não conseguem estabelecer um empoderamento da profissão, na região.

Os dados analisados apontam que existe campo de atuação, porém não ocupado por mulheres, ainda há uma grande masculinização do ambiente agrônomo, fazendo com que as mulheres se sintam menos valorizadas socialmente. Conclui-se também que talvez há falta de incentivo na região, fazendo com que busquem outros empregos, atuem em outras regiões ou até continuem estudando por mais tempo, visto ainda que isso se dá não somente na atualidade, mas é um progresso vagaroso percebendo os fatos históricos culturais em que a região se encaixa.

Para o desenvolvimento de tais questões, fez-se necessário investigar alguns locais onde atuam engenheiros agrônomos na nossa região, como por exemplo as cooperativas agrícolas, que fazem comercialização e recebimento de produtos agrícolas. Diante disso, também analisou-se bibliografias relevantes ao tema, auxiliando a compreender desde o processo histórico social da região em relação a agricultura, situando o campo de estudos, com o intuito de formular uma conclusão consistente e tentar apresentar com clareza essa desigualdade muitas vezes esquecida, a diferença na atuação de homens e mulheres no mercado de trabalho como engenheiros agrônomos.

O desenvolver do trabalho foi bastante gratificante, já que é um tema pertinente ao desenvolvimento rural da nossa região, destacando a profissão de Agronomia, e a atuação das mulheres na mesma. Não foi uma pesquisa fácil em achar mulheres que realmente atuam no cargo de engenheiras agrônomas nas entidades pesquisadas, percebendo-se que são raras as mulheres que trabalham na área. No entanto o objetivo do trabalho foi atingido com satisfação.

Enfim, deve-se destacar que este trabalho deve instigar novas pesquisas sobre o assunto em nossa região, para um melhor aprofundamento e complementação do tema. Considerando que as mulheres enfrentam diversos desafios, sugere-se a

realização de estudos sobre as dificuldades enfrentadas por homens e por mulheres na nossa região, no contexto do exercício da profissão de Engenheiro Agrônomo.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, Nicholas; HILL, Stephen.; TURNER, Bryan. **The Penguin Dictionary of Sociology**. 4. ed. London: Penguin Books, 2000.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Trabalho Coletivo e Educação: um Estudo das práticas cooperativas do PCE – Programa de Cooperativismo nas Escolas – na Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências. Unijuí, 2001.
- ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DAS MISSÕES. 2018. Disponível em: <http://amissoes.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Os ethos do trabalho sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. Tese. Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006.
- BIANCHINI, Giovana Noskoski. **A Política Estadual de Apoio às Agroindústrias Familiares de Pequeno Porte de Processamento Artesanal na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS**. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. 2018. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *In: Revista Estudos Feministas*, v.12, n.1, p. 205-227. 2004.
- BRUMER, Anita; FREIRE, Nádia Maria Schuch. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola. *In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – XI/XI*, p. 305-322, 1983/1984.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Victoria Rossetti**: Engenheira Agrônoma. (1917-2010). 2018. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/902636.>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS; NÚCLEO DE ESTUDOS AGRÁRIOS E DESENVOLVIMENTO RURAL; MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estatísticas do meio rural 2010-2011**. 4. ed. São Paulo: MDA, 2011.
- DIEESE; NEAD; MDA. **Estatísticas do meio rural 2010-2011**. 4 ed. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. São Paulo, 2011. 292 p.

EMATER/RS. **Equipe de pesquisadores confere trabalhos de conservação de solos no Noroeste do RS.** 2009. Disponível em:

<http://www.emater.tche.br/site/noticias/detalhe-noticia.php?id=9579#.W_xoFjhKjlU>. Acesso em: 26 nov. 2018.

FARIA, Nalu. **Gênero e desigualdade.** São Paulo: SOF, 1997. Coleção Cadernos Sempre Viva.

FEICHTENBERGER, Eduardo; KITAJIMA, Elliot W.; BOVÉ, Joseph. **Victória Rossetti: 1917-2010.** 2007. Disponível em:

<http://www.fao.org/docrep/012/i0765pt/i0765pt10.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FLORES, Moacyr. **Colonização e Missões Jesuíticas.** Porto Alegre: EST; Instituição de Cultura Hispânica do RS. 1983.

FUNDAÇÃO DA ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **Índice de desenvolvimento econômico.** 2011. Disponível em:

<https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Miss%F5es>. Acesso em: 20 out. 2018.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. *In: Estudos Feministas*. v.12. n.1. Florianópolis, jan/abr. 2004.

LOPES, Conceição. Mulheres Pioneiras, Mulheres de Renome: as engenheiras agrônomas pernambucanas da 1ª metade do séc. XX. **Anais da Academia de Pernambuco de Ciência Agronômica**. v. 4. Recife, 2007. p. 65-82.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na idade média.** São Paulo: Contexto, 2002.

MARGLIN, Stephen. Origem e funções do parcelamento das tarefas. Para que servem os padrões? *In: GORZ, A. (Org.) Crítica da Divisão do Trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, V. 12, p.32

MATOS, Marcos; MIRANDA, Marjorie. **O Importante Papel das Mulheres no Desenvolvimento Rural.** 2017. Disponível em:

<http://www.cecafe.com.br/sustentabilidade/artigos/o-importante-papel-das-mulheres-no-desenvolvimento-rural-20170209/>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MESQUITA, Gabriella. Riad. Iskandar. **Particularidades do trabalho agrícola da mulher:** revisão da literatura. 2012. Disponível em:

http://ppcga.vet.ufg.br/uploads/67/original_PARTICULARIDADES_DO_TRABALHO_AGRICOLA_DA_MULHER.pdf?1353349531. Acesso em: 23 abr. 2018.

MOLINIER, Pascale. WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. *In: HIRATA, H. et. all. (org) Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MOURÃO, Patricia. **Organizações Produtivas de Mulheres Rurais.** Instituto Interamericano de Cooperação para agricultura. IICA. São Paulo. Julho, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. **Igualdade de Gênero.** 2007. Disponível em:

<http://www.fao.org/docrep/012/i0765pt/i0765pt10.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história de Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. Tradução de Ângela M. S. Corrêa.

POLACINSKI, Edio. et al. **Plano de Desenvolvimento do APL da Agroindústria Familiar das Missões (RS)**. Fundação Regional Integrada. Santo Ângelo, 2014.

PUHL, Mário José. **A cooperação e o desenvolvimento territorial rural**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, gestão e cidadania. Unijui. 193 f. 2006.

ROSA, Jussara Costa. da. **Mulheres crescem na Gestão do Agronegócio**. 2012. Disponível em: <http://i-uma.edu.br/blog/2012/08/mulheres-crescem-na-gestao-do-agronegocio/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SCHALLENBERGER, Erneldo; HARTMANN, Hélio Roque. **Nova terra, novos rumos: a experiência de colonização e povoamento no Grande Santa Rosa**. Santa Rosa: Barcellos, 1981.

SCHNEIDER, Sérgio; SILVA, Carolina Castilho. Gênero, Trabalho Rural e Pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL/PR. **Mulher: presença obrigatória no crescimento da agropecuária**. 2018. Disponível em: <<http://www.senarpr.org.br>> Acesso em: 24 abr. 2018.

SILVA, Carolina Braz de Castilho. **Gênero e pluriatividade na agricultura familiar do Rio Grande do Sul: um estudo sobre Veranópolis e Salvador das Missões**. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Paulo Roberto da; VALE, Francisco Xavier Ribeiro do; JAHNEL, Marcelo Cabral. **Retrospecto e atualidade da engenharia agrônoma: Breve Histórico da Agronomia**. Brasília. 2010.

SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. 5. ed. London: Methuen and Co./Edwin Cannan, 1904.

SOSTER, Maria Tereza Bolzon. Panorama da Inserção da Jovem Mulher na Agronomia e Relação com as novas Ruralidades: retrato do IFRS - *Campus Sertão*. In: **Revista Científica Eletrônica de Agronomia**. Sertão/RS n. 27. jul. 2015.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. **Projeto pedagógico do curso de graduação em agronomia: bacharelado**. 2017. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/ppc/ccals/2017-0002/.../documento_historico>. Acesso em: 10 out. 2018.

VAN DER SCHAAF, Alie. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. In: **Sociologias**, n.10. p. 412-442. 2003.

VIDAL, Déa Lima. Diversidade tipológica do manejo rural feminino no semiárido brasileiro. In: **Archivos de Zootecnia**, Córdoba, v.60, n. 232, p.1149-1160. 2011.